

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Perigo para mulheres em bairros nobres

Jardim da Penha, Jardim Camburi e Praia do Canto são os bairros onde mulheres mais correm risco de morrer por causa de agressões

Elis Carvalho

Inteligentes, bonitas e moradoras de bairros nobres de Vitória. Para muitos, essas mulheres possuem a vida perfeita. O que poucos sabem é que grande parte delas carrega, calada, marcas profundas da violência doméstica.

Segundo o Instituto Nacional de Tecnologia Preventiva (INTP), criador do botão de pânico, são nos bairros nobres como Jardim da Penha e Praia do Canto que as mulheres correm mais risco de morrer durante uma agressão.

O dispositivo, quando acionado, envia à Guarda Municipal informações sobre a vítima e o local onde ela está. Desde que ele começou a ser distribuído em Vitória, em abril de 2013, 100 mulheres de 42 bairros receberam o botão.

O critério de distribuição é feito pela 11ª Vara Criminal Especializada em Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher (Vitória), que avalia o grau de periculosidade de cada caso.

“Muito se fala de agressões em bairros mais periféricos, mas após serem selecionadas as agressões que demonstravam maior perigo, para a distribuição do botão, eu fiquei surpresa ao perceber que eram nos bairros nobres onde estavam as ocorrências em que as mulheres sofriam maior risco de morte”, contou Franceline de Aguiar Pereira, coordenadora para assuntos institucionais do INTP.

De acordo com a coordenadora, Jardim da Penha é o bairro onde as mulheres correm mais perigo. Em seguida vem Jardim Camburi, Praia do Canto, Centro, Maruípe e Praia do Suá. Ela explicou que a maioria dessas vítimas, moradoras de áreas nobres, só tiveram coragem de denunciar após a grande divulgação do botão do pânico.

“São mulheres que já eram agredidas por muitos anos, mas por medo ou vergonha, sofriam caladas. Após a divulgação do aplicativo, as vítimas viram que ele funcionava mesmo, passaram a denunciar mais”, acredita.

Já a coordenadora da Violência Doméstica do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, juíza Hermínia Azoury, acredita que o aplicativo serve como uma fiscalização.

“O botão veio para assegurar que esses agressores realmente fiquem longe das vítimas, que estão em todas as classes sociais”, disse.

“São mulheres que já eram agredidas por muitos anos, mas por medo ou vergonha, sofriam caladas. Após o botão, elas passaram a denunciar”

ADEMIR RIBEIRO/AT

FRANCELINE DE AGUIAR, coordenadora do Instituto de Tecnologia Preventiva, criador do botão do pânico



OS NÚMEROS



100 BOTÕES do pânico já foram distribuídos em Vitória

Acionamentos

Em 2014 Em todo ano de 2013

5 VEZES **9 VEZES**

Como funciona

- > **42 BAIRROS** foram beneficiados
- > **CINCO PRISÕES** em flagrante já foram feitas até hoje
- > **CINCO MINUTOS** foi o tempo mínimo para que a Guarda Municipal chegasse ao local de acionamento
- > **NOVE MINUTOS** foi o tempo máximo para que a Guarda Municipal chegasse ao local de acionamento.

MULHERES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE JANEIRO A ABRIL DE 2014

MUNICÍPIO	DENÚNCIAS
Vitória	466
Vila Velha	800
Cariacica	780
Serra	438

Fonte: Secretaria da Segurança Pública

CASOS

Jardim Camburi

Em março, uma jovem de 20 anos foi agredida pelo namorado, 21, em Jardim Camburi, bairro onde ela mora. A garota foi puxada pelos cabelos porque não avisou ao acusado que sairia de casa para acompanhar amiga até uma escola. Dentro do seu carro, ele bateu, chutou e quebrou o celular da vítima na cabeça dela.

Praia do Canto

Uma empresária de 22 anos foi agredida na frente de um bar na Praia do Canto, em Vitória, em dezembro de 2013. O acusado, que também é empresário e tem 29 anos, ficou com ciúme ao ver a ex conversando com um amigo. A vítima levou um soco e, com o impacto, ela chegou a cair no chão.

Jardim da Penha

Em fevereiro deste ano, uma mulher de 26 anos foi agredida pelo marido, de 21 anos, no apartamento que o casal vivia, em Jardim da Penha, em Vitória. De acordo com a vítima, tudo começou quando ela disse que queria se separar do marido. Com raiva, ele a agrediu com socos, chutes, empurrões e a xingou.

PRISCILA VIEIRA PRIMEIRA MULHER A RECEBER O BOTÃO DO PÂNICO

“Senti vergonha, mas denunciei”

Moradora da Praia do Canto, a estudante de Direito Priscila Vieira Bahia, de 22 anos, foi espancada pelo ex-namorado, que não aceitava o fim do relacionamento. A agressão foi na rua, na frente de centenas de pessoas. Com medo de morrer, ela decidiu deixar a humilhação de lado e procurou ajuda.

A jovem, que foi a primeira vítima de violência doméstica a receber o botão do pânico, contou o que mudou em sua vida após rece-

ber o dispositivo.

A TRIBUNA - Como foi a agressão que você sofreu?

PRISCILA VIEIRA - Eu terminei o namoro de 11 meses porque percebi que ele dava sinais de violência. Era ignorante, nervoso e gritava comigo. Terminei e, em março de 2013, em um bloco de Carnaval no Triângulo, ele me abordou, me chamando para conversar.

Ele não aceitava o fim do relacionamento. Com raiva, ele começou a

me bater na frente das pessoas. Ele me deu chutes e socos e eu cheguei a cair no chão. Fui correndo para casa e ele foi me seguindo. Quando ele me alcançava, me batia mais.

> O que você fez em seguida?

Eu senti muita vergonha, mas o denunciei. No dia seguinte, fui à delegacia, registrei queixa e pedi a medida protetiva. A vergonha passa, a nossa vida é mais importante.

> E como foram os dias seguintes?

Ele passou a me perseguir. Sabia onde eu estava e com quem eu andava. Eu saía de casa para ir à praia e o via pelas esquinas, me vigiando. Depois passou a fazer ameaças de morte. Dizia que um motoqueiro de capacete iria passar pela minha faculdade para me matar. Eu comeci a ter medo de fazer as coisas mais simples, como entrar em um elevador, por exemplo.

> E o que mudou na sua vida com o botão do pânico?

Só depois do botão eu consegui recomeçar. Meu ex ficou sabendo do dispositivo e sumiu. Hoje, eu sei que se ele me procurar, basta apertar o botão que o socorro vai chegar de maneira rápida.



FÁBIO NUNES - 15/04/2013

PRISCILA quando recebeu o botão do pânico: ex-namorado desapareceu

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Botão agora será como um celular

As mulheres que sofrem com agressões e ameaças de morte em Vitória contarão com um botão do pânico ainda mais moderno, para que assim possam pedir ajuda com mais facilidade. O novo dispositivo permitirá até mesmo que as vítimas conversem diretamente com um agente da Guarda Municipal.

Segundo a coordenadora para assuntos institucionais do Instituto Nacional de Tecnologia Preventiva (INTP), Franceline de Aguiar Pereira, durante o uso experimental do dispositivo foi possível perceber que muitas mulheres acionavam o botão, mas não sabiam se a Guarda Municipal havia recebido o chamado.

“Ao escutarmos os áudios, percebíamos que elas ficavam na dúvida se o acionamento havia sido feito. Pois elas apertavam o botão e não recebiam nenhum sinal. Ago-

ra, o aparelho vibra e a vítima tem a certeza de que ela está sendo ouvida”, explica.

A coordenadora da Violência Doméstica do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, juíza Hermínia Azoury, explicou também que o novo dispositivo terá o áudio mais nítido, será a prova d'água e possibilitará até mesmo que as vítimas conversem diretamente com os agentes da Guarda Municipal.

“Assim que elas acionarem, os guardas irão ao encontro delas, como já era feito antes. O diferencial é que agora eles poderão falar com elas, como se fosse um telefone, facilitando o contato da vítima com o socorro”.

PROMOTORA

Enquanto o botão do pânico passa por modernização, a decisão de juízes pode estar prejudicando a aplicação da Lei Maria da Penha. Isso porque, segundo a promotora Sueli Lima e Silva, o descumprimento das medidas protetivas não está sendo considerado crime de desobediência.

A promotora contou que já apresentou mais de 20 recursos ao Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES) pedindo a revisão da decisão de juízes de primeira instância.

“Dois desses casos já foram negados. A Justiça alega que, mesmo em vista que a decisão judicial não está sendo cumprida, não há crime de desobediência. Isso só faz com que esses agressores fiquem ainda mais confiantes”, acredita.



JUÍZA Hermínia Azoury: diferencial

NOVIDADES

O que vem por aí para mulheres

> A SECRETARIA de Estado da Segurança Pública (Esp) estuda adotar a cerca eletrônica, em conjunto com a tornozeleira eletrônica, para proteger as mulheres vítimas de violência que possuem medida protetiva.

> UMA CARTILHA para instruir pais e filhos contra o machismo será lançada

no dia 28, pela Coordenadoria de Violência Doméstica contra a Mulher, do Tribunal de Justiça. A ideia é prevenir a violência contra a mulher.

> UM ÔNIBUS da Coordenadoria está circulando para atender aos municípios que não contam com varas de violência doméstica e familiar.

O QUE DIZEM AS PREFEITURAS

Serra sem projeto para dispositivo

Vitória

> O MUNICÍPIO afirma que irá sair da fase de teste do botão do pânico. Para isso, está em processo de licitação para contratar uma empresa para continuar a operacionalizar o sistema do dispositivo. Em seguida, a prefeitura afirma que irá disponibilizar 300 novos botões para vítimas.

Vila Velha

> A PREFEITURA de Vila Velha afirmou que tem interesse em adotar o dispositivo. Mas antes, o município está preparando a estrutura de atendimento para as vítimas. Para isso, está capacitando agentes da Guarda, para que até o fim do ano eles tenham porte de arma. Em seguida, a

prefeitura pretende implementar o dispositivo em Vila Velha.

Cariacica

> A SECRETARIA Municipal da Segurança Pública e Defesa Social informou que o município trabalha atualmente com agentes de trânsito e que já está elaborando o edital para a contratação de um curso de capacitação para que eles possam atuar como Guarda Municipal. Após este processo, está prevista a implementação do botão do pânico.

Serra

> A PREFEITURA informou, apenas, que no momento não há projeto para adquirir o dispositivo.



GREICY mostra botão do pânico, que recebeu após denunciar o marido por agressão: “Hoje, eu me sinto segura”

GREICY DE ESTEVES VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Sofri calada por quatro anos”

Durante quatro anos, ela sofreu calada nas mãos do marido. Nesse tempo, passou por agressões físicas e psicológicas, teve parte dos cabelos arrancados, um dente quebrado e chegou a apanhar até mesmo quando estava grávida.

Se no passado ela tinha vergonha de tornar o caso público, hoje, com o botão do pânico, a instrumentadora cirúrgica Greicy de Esteves, de 47 anos, moradora da Praia do Suá, em Vitória, sente-se segura para falar dos anos de terror que passou nas mãos do agressor.

A TRIBUNA – Como foi o início do relacionamento do casal?

GREICY – Nos conhecemos em 2004. Ele era bonito, educado e apaixonante. Após dois meses já estávamos morando juntos.

> Quando começaram as agressões?

A primeira agressão aconteceu com poucos meses de casamento.

“Reclamei da hora que ele havia chegado. Ele me deu um soco na boca que arrancou o meu dente. Eu pensei que morreria”

Tivemos uma briga banal, e ele começou a me sacudir. Eu disse que ia chamar a polícia, ele pegou meu celular e o quebrou. Meses depois ele me deu um tapa no rosto tão forte que eu caí no chão. Ele me puxou pelos cabelos e arrancou parte dele. Me deu vários chutes e socos.

> O que aconteceu depois?

Ele foi dormir e no dia seguinte acordou como se nada tivesse acontecido. Eu pensei no que fazer, mas eu tinha muita vergonha de expor o caso para outras pessoas. Certa vez eu reclamei da hora que ele havia chegado. Ele me deu um soco na boca, que arrancou o meu dente. Eu pensei que morreria.

> Como estava a autoestima da senhora?

Ele dizia que eu não ia encontrar ninguém. Que eu não tinha para onde ir. Perdi um dente, engordei muito e me isolei do mundo.

> Nesse contexto, como a senhora engravidou dele?

Depois das agressões, ele virava um santo. Dizia-se arrependido. Eu era apaixonada, acreditava mesmo que ele mudaria. Nessas semanas de paz, eu engravidei. Mas quando eu estava grávida de cinco meses, ele me deu uma ripada nas costas e me chutou. Nos separamos, mas ele continuou me

“Eu tinha 23 subordinados do sexo masculino. Em casa eu era oprimida pelo homem que eu amava. Como admitir isso?”

perturbando e indo lá em casa. Até que um dia eu dei um basta.

> Quando foi isso?

Foi em fevereiro deste ano. Ele foi lá em casa, e eu o mandei ir embora. Ele me empurrou e me deu um tapa no ouvido. Minha filha presenciou tudo.

> A senhora o denunciou?

Fui à Delegacia da Mulher e fiz o pedido de medida protetiva. Logo depois me ligaram dizendo que eu iria receber o botão do pânico. Hoje, eu me sinto segura.

> Por que demorou a pedir ajuda?

Sofri calada por quatro anos porque tinha vergonha de assumir a agressão. Na época, eu tinha 23 subordinados do sexo masculino, mas em casa eu era oprimida pelo homem que eu amava. Como admitir isso? Eu me sentia culpada. Cheguei ao ponto de pensar que apanhava porque merecia.

ANÁLISE

“Muitos homens acham que a mulher é propriedade deles”

Normalmente a vítima de classe social mais baixa não sente medo de se expor, enquanto a de classe social mais elevada sente vergonha do que os outros vão pensar.

Além disso, muitas demoram para denunciar porque em meio à violência, vivem momentos de romantismo, que fazem com que elas tenham uma esperança de mudança.

Para a mulher, denunciar o agressor, não é apenas acabar com a violência doméstica, mas também com o sonho de um relacionamento amoroso que ela almejava que desse certo.

Eu acompanhei uma mulher, vítima de violência doméstica, que toda vez que ela apanhava do marido, ele a presenteava logo depois, seja com uma joia, uma viagem ou um dia num

spa. Ela passou por isso por 10 anos, até que um dia sofreu uma violência extrema e deu um basta.

Uma coisa é certa, o machismo existe em qualquer classe social. Muitos homens acham que a mulher é uma propriedade deles e se sentem no direito de agredi-las caso elas não se comportem como eles gostariam.

Elaine Bello Bonorino, psicóloga clínica

